

Omissão dos planos de saúde

SÃO PAULO — Se o atendimento hospitalar não vai bem no Brasil, boa parcela da responsabilidade cabe aos seguros e planos de saúde que discriminam os portadores do vírus da Aids e outros doentes dependentes de tratamento caro e demorado, denuncia o médico Caio Rosenthal, infectologista de três dos maiores hospitais de São Paulo.

“Os convênios não estão cumprindo a resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) que proíbe a discriminação e estão fazendo lobby para que ela seja transformada em lei no Congresso”, afirma o especialista, para quem “é um absurdo os pacientes terem de recorrer à Justiça para ter direito à assistência que os contratos lhes garantem”.

Testemunha do desespero dos portadores de Aids que se internam nos hospitais Alberto Einstein, dos Servidores e Emílio Ribas, o infectologista considera um crime

os seguros e planos de saúde se recusarem a pagar as despesas do tratamento, “justamente quando os doentes estão mais enfraquecidos e suas famílias não têm dinheiro para contratar advogados que possam defender seus direitos”.

“Muitos doentes recusados pela rede particular, porque os convênios não pagam a fatura, vão parar em hospitais públicos, como o estadual Emílio Ribas, que estão *tapando o buraco* de instituições que só pensam em ter lucros”, acrescenta o infectologista. Os convênios de saúde, afirma Rosenthal, só se interessam pelos pacientes lucrativos, como, por exemplo, aqueles que são submetidos a cirurgias de recuperação rápida.

Colaboraram: Cristhiane Samurco, Eugênia Lopes, Daniella Mendes, Cristiano Romero
